

# QUESTÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM DÔRA, DORALINA DE RACHEL DE QUEIROZ

*GENDER ISSUES AND FEMALE REPRESENTATIONS IN DÔRA, DORALINA BY RACHEL DE QUEIROZ*

**Marcos Vinicius Ferreira Trindade<sup>1</sup>**

Pós-Graduando em Ensino de História do Brasil: Cultura e Sociedade  
IESF

**Resumo:** O advento da história das mulheres trouxe inúmeros debates e indagações à historiografia, principalmente no que se refere às representações de gênero. Este trabalho tem o propósito de traçar os perfis femininos da obra *Dôra, Doralina* de Rachel de Queiroz, notável escritora do Modernismo no Brasil, que em seus romances, retrata suas protagonistas como transgressoras, recusando as funções tradicionais que limitavam as mulheres em ambientes domésticos. *Dôra* não é exceção e no romance estudado são representados os caminhos que ela trilha para conseguir sua independência, longe da dominação masculina e longe dos costumes patriarcais que algumas mulheres reproduziam. Buscando compreender essas relações de gênero analisam-se os papéis construídos ao longo da história para as mulheres, promovendo a expansão desses estudos, além de evidenciar que as mulheres são sujeitos ativos,

**Abstract:** The advent of women's history brought numerous debates and inquiries of historiography, especially as regards the representation of gender. This work has the purpose of tracing the feminine profiles of *Dôra Doralina* by Rachel de Queiroz, noted writer of Modernism in Brazil, in his novels, depicts its protagonists as transgressive, refusing the traditional roles that limit women in homes. *Dôra* is no exception and in the romance studied the ways that she track to achieve its independence, away from male domination and away from patriarchal customs that some women reproduced. Trying to understand these relationships of gender analyzes the roles built throughout history for women, promoting the expansion of these studies, as well as evidence that women are active subjects, their names and developed functions are facts of history and they should not

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Ensino de História do Brasil: Cultura e Sociedade, Licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [marcostrindade93@gmail.com](mailto:marcostrindade93@gmail.com)

seus nomes e suas funções desenvolvidas são fatos da história e não devem ser estudados de forma isolada.

**Palavras-chave:** Gênero, Representações, Rachel de Queiroz.

be studied in isolation.

**Keywords:** Gender, Representations, Rachel de Queiroz.

### **Considerações Iniciais**

A Literatura como sendo uma fonte de representação social e/ou histórica que representa as diferentes experiências humanas na sociedade em seus aspectos físicos e psicológicos, ajuda a História Social a entender os sujeitos e suas ações em uma determinada época. Percebe-se dessa forma, a mudança ao se escrever História, influenciada por novos objetos e linguagens, levando o historiador a possibilidade de novas abordagens e de mostrar a diversidade construída com essas novas modalidades para desenvolver a pesquisa histórica.

Essas novas modalidades ganham força com a crise do marxismo e do estruturalismo, que eram duas concepções fortes na segunda metade do século XX. Segundo Zeloí Aparecida Martins dos Santos,

As consequências dessa crise não devem ser entendidas como negativas para a História, mas sim como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir ideias e experiências propiciando a mudança. A partir desse contexto de crise, a História expande seu campo de conhecimento, caminhando em duas direções: a aproximação multidisciplinar com a linguística, antropologia, filosofia e com a literatura encaminhou a História para novos procedimentos teóricos para selecionar temas, técnicas e métodos inovadores. A troca de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem trilhados por meio da criatividade e competência do ofício de historiador. Por outro lado, há aqueles que permanecem sob as influências recíprocas das diferentes linhagens puramente historiográficas, com ascendência da ciência política, e buscam aí a transformação dos modos de narrar a História (SANTOS, 2007, p. 2).

A literatura não deixa de ser um documento. Para o historiador é importante recuperar as visões históricas presente no texto literário, lembrando que este é narrativo e não referencial, pois não precisa mencionar objetivamente algum fato, diferente do texto de um historiador que precisa ter um discurso referenciado, com direito a todas as opiniões através de demonstração, de discursos e de provas. Precisa na medida do possível entender aquilo que informava e qual era a intenção do autor quan-

do se utiliza a literatura como fonte, propondo interpretações através da articulação entre um entendimento sobre o passado e a sua subjetividade.

Para Michel Foucault, o discurso “nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca [...] O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante” (FOUCAULT, 2010, p. 49), ou seja, é um emaranhado de signos que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Inúmeras obras literárias focam as questões de gênero e representações do feminino. Sendo Rachel de Queiroz uma das mais expoentes escritoras do Modernismo brasileiro e a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras em 1977, este trabalho enfoca as imagens das principais mulheres do romance apreciado: Senhora e Maria das Dores - apelidada de Dôra- apontando as diferenças entre si e os caminhos que Dôra buscou para converter-se em um sujeito livre, tendo como base os livros que formam o romance: o primeiro, intitulado de “Livro de Senhora”, descreve a vida da protagonista na Fazenda Soledade, sua infância, juventude e os eventos de sua vida adulta como o seu casamento com Laurindo e a sua viuvez. Nessa parte a autora destaca além de suas mulheres, os costumes e particularidades do Nordeste, evidenciando um dos focos do regionalismo da década de 30 do movimento Modernista: as denúncias sociais. O segundo livro, Livro da Companhia, relata como Dôra após a viuvez, transforma-se uma criatura livre de seus dominadores, Senhora e Laurindo, tornando-se atriz da Companhia de Comédia e Burletas Brandini Filho, elucidando os caminhos trilhados que fizeram com que sua identidade e seu crescimento como mulher livre fossem reafirmados. Por fim, o último livro denomina-se como Livro do Comandante, no qual é descrito o primeiro amor verdadeiro de Dôra, que faz com que ela mais uma vez seja dominada até a morte do segundo marido. Com a morte do comandante, Dôra retorna a Fazenda Soledade como única dona de tudo que um dia foi de Senhora.

Dôra, Doralina de Rachel de Queiroz, marca a volta de Rachel aos romances, após um intervalo de 36 anos de sua última obra do gênero, *As Três Marias*. O romance estudado teve sua primeira edição publicada em 1975, durante a década que o debate sobre o movimento feminista ganhava destaque. Percebe-se em Dôra, Do-

ralina os aspectos que permeiam a vida das mulheres em meados da década de 1970, que são as batalhas por sua independência e liberdade, além de evidenciar que são sujeitos ativos da história, possuem desejos de tomar as rédeas de suas próprias vidas e conquistar cada vez mais seu espaço na sociedade. E Rachel constrói suas personagens principais buscando romper com as convenções sociais que as delimitam apenas ao ambiente doméstico e mostra o desejo de realizarem suas próprias escolhas e decidir o futuro de suas vidas.

### **Senhora: uma sertaneja tradicional (?)**

Senhora é a primeira figura apresentada na obra que representa uma forma de dominação à personagem central, Dôra. O romance inicia pela parte que é intitulada por "O Livro de Senhora", onde a narradora conta o começo da vida e a juventude da protagonista e a conflituosa relação com sua mãe. Mostra também o modo como Senhora mandava na Fazenda Soledade após a morte do marido: de maneira firme e concisa, detendo o poder em tudo que a cercava e, pelo fato de ser viúva, esse poder era afirmado, conforme relatou em certo momento: "Nisso tudo, peço que se lembrem de mim de que eu não tenho quem chore por mim; sou uma viúva sozinha" (QUEIROZ, 2004, p. 39), que mostra uma das formas que ela usava como meio para sua própria proteção.

Por que um nome tão peculiar? Esta é talvez a personagem mais complexa do romance, no qual em momento algum é revelado o seu verdadeiro nome. Utilizando o Dicionário Online de Português, tem-se como alguns do significado da palavra Senhora: "aquela que é dona de alguma coisa; proprietária; mulher poderosa, que exerce sua influência e poder"<sup>2</sup>. Pode-se fazer uma correlação desse significado englobando também a personagem Aurélia do livro Senhora de José de Alencar, que compra um marido e passa a ter posse daquele homem, deixando bem claro a Fernando Seixas que o casamento era apenas uma conveniência (ALENCAR, 2000). As duas personagens passam a ter posses através da morte de parentes, tornando-se mulheres imponentes diante da sociedade, que exercem seu poderio e por serem respeitadas pelos demais são chamadas de Senhora.

---

<sup>2</sup> Dicionário Online de Português. **Significado da palavra Senhora**. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/senhora/>>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

Percebe-se o grande apego de Senhora às suas terras. As terras herdadas dão o respeito a sua pessoa, respeito este que ela tanto gostava e que a igualava a um coronel, figura representativa do sistema patriarcal. É sabido que para a época em que se passa o romance, a posição da mulher na sociedade era como dependente do homem, seja o pai ou o marido, e este por sua vez, tinha as condições para exercer o controle, visto que,

para a sociedade patriarcal era atribuído grande valor a terra e havia a máxima diferenciação entre os sexos para que se pudessem manter os interesses da sociedade escravocrata organizada sobre o domínio exclusivo de uma única classe - a elite rural, de uma única raça - a branca e de um único sexo - o masculino (FREYRE, 2000, p. 253).

Mesmo com um modelo fragmentado e começando a ruir, onde os grandes proprietários rurais começavam a perder a supremacia econômica, política e social que um dia tiveram, Senhora dedica-se as suas terras, pois são elas que representam seu poder. A administração da Fazenda Soledade revela que mesmo em um regime patriarcal, as matriarcas poderiam também ocupar lugar de relevância na sociedade, conforme Freyre,

tais mulheres que, na administração de fazendas enormes, deram mostras de extraordinária capacidade de ação – andando a cavalo por toda parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres-de-açúcar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma autoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistência igual à dos homens – mostraram até que ponto era o regime social de compressão da mulher, e não já do sexo, o franzino, o mole, o frágil do corpo, a domesticidade, a delicadeza exagerada. Mostraram-se capazes de exercer o mando patriarcal quase com o mesmo rigor dos homens. Às vezes com maior energia do que os maridos já mortos ou ainda vivos, porém dominados excepcionalmente, por elas (FREYRE, 2000, p. 95).

O Livro de Senhora também descreve os costumes e algumas tradições dos nordestinos durante o século XX. Além de suas mulheres, Rachel traz também como personagem o Nordeste, valorizando o regionalismo e suas marcas, como as mazelas sociais, as oligarquias, a religiosidade, entre outros. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, alguns autores dos romances de 30 “se diferenciam pela área do Nordeste que tomam como referente para pensar a região” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 127-128). Para alguns a região seria “o Nordeste da cana-de-açúcar, da sociedade patriarcal e escravista que se desenvolvera na Zona da mata, seja no campo, seja nas cidades do litoral” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 127-128), já a visão de

Rachel conforme Durval, “é o sertão o espaço tradicional por excelência e aquele que dá originalidade ao Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 127-128).

Pensar o Nordeste dentro do Livro de Senhora faz pensar que Rachel afirma a identidade da região, além de evidenciar as características dos indivíduos que lá estão inseridos. Tem-se como exemplo a própria Senhora, mulher distinta e bastante religiosa que durante o parto complicado que tivera, apegava-se a Nossa Senhora e para que sobrevivesse faz uma promessa a Santa, colocando o nome da filha nascida de Maria das Dores. As questões de fé são notórias no Nordeste brasileiro, cujas crenças e a religiosidade popular são presentes no cotidiano do nordestino. A religiosidade sertaneja é cercada de “magia, superstições, a presença de amuletos, orações fortes e de corpo-fechado, rezadeiras, beatos” (AZEVEDO, 2011, p. 1142).

Questões de fé ainda no Livro de Senhora também podem ser analisadas através de Delmiro, pertencente a um bando de jagunços que após chegar ferido, pede abrigo na Fazenda Soledade. Percebe-se sua fé quando, após ser bem recebido por Dôra, faz uma promessa a ela como se a própria fosse uma figura celestial, para que ela não revele à Senhora o seu passado:

E eu estou aqui aos vossos pés, na figura de um cordeiro, e aceito o que a senhora ordenar porque a tenho pelo meu anjo salvador, e a palavra que sair da sua boca para mim é a palavra do céu. Esconjuro o nome velho e a vida velha; lhe prometo nunca mais botar a mão numa arma, só se for pela sua ordem e para sua garantia. Jesus Cristo Messias e Nossa Senhora das Dores, madrinha do Juazeiro, e o nosso santo Padrinho Padre Cícero me guardem na sua mão e de mim tenham misericórdia, juntamente com a senhora. Amém. Amém. Amém (QUEIROZ, 2004, p. 63-64).

Segundo Alexander Willian Azevedo, “não podiam negar a crença de uma pessoa pelo fato de ser um bandido. Afinal de contas, antes de ser bandido, o cangaceiro era um cristão devoto” (AZEVEDO, 2011, p. 1144). O cangaço evidencia a imagem dos homens sertanejos sendo violentos que “saqueiam as diversas localidades, matando gente e animais, incendiando propriedades, desordenando famílias, numa série inenarrável de crimes dos mais pavorosos e hediondos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 75), porém além do jagunço cometer atrocidades, também era temente a Deus e a Nossa Senhora.

Também são representadas as questões políticas no Livro de Senhora. Vitor Nunes Leal em Coronelismo, Enxada e Voto aponta para as relações, principalmente no interior do Brasil, nas quais a figura do coronel, que era o chefe político, tinha in-

fluência nos demais sujeitos da sociedade. Era uma “superposição de formas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. (...) forma peculiar de manifestação do poder privado” (LEAL, 1976, p. 20). Com a República Oligárquica surge também o voto de cabresto que consistia na eleição com voto aberto e cada empregado do coronel tinha que votar no candidato que o chefe tinha ordenado. No romance esse momento é representado no trecho:

[Senhora] não gostava de Governo, mandava sempre votar na oposição, ai do eleitor seu que se atrevesse a dar um voto ao nosso inimigo, o prefeito de Aroeiras. Senhora costumava até mandar recados ao homem: “A revolução vem aí!” Mas na voz de lhe tomarem o que era dela, ficou contra todo mundo: não queria parte com o Governo nem com revoltoso, dizia que um e outro vindo ocupar a sua terra, viva não a apanhavam, preferia tocar fogo em casa, roçado e mata (QUEIROZ, 2004, p. 58).

Como dito anteriormente, Senhora era viúva e nunca quis casar-se outra vez, pois a viuvez permitia algumas liberdades e todos aqueles que a cercavam estavam sob seu domínio, desde a filha até aos empregados. Casar novamente causaria perda do espaço privilegiado conquistado. Porém, Senhora não passa o resto da sua vida sem aventuras amorosas. Quando Dôra casa-se, a sua mãe começa a relacionar-se com o seu genro, Laurindo, conforme exposto no trecho,

[...] de repente se ouviu um som abafado, um som de voz, no quarto defronte – que era o quarto de Senhora, pegado à sala.  
E escutei a fala dela (que nunca na vida tinha conseguido falar baixinho), sim era a fala dela:  
- Vá embora! E depois a voz de Laurindo protestando: - Ela tomou o remédio. Não tem jeito de acordar.  
Delmiro não sei se escutou tão bem quanto eu, mas vi que entendeu. E eu, eu saí correndo pelo terreiro, descalça e de pijama, no pavor de que os dois me descobrissem. Do lado de lá dos quartos do paiol, caí sentada num monte de tijolo e rompi num choro que era mais um soluço fundo – eu tremia com o corpo todo e me vinha aquele engulho violento – eles dois, eles dois (QUEIROZ, 2004, p. 92).

Senhora mostrava a personificação da sertaneja tradicional para os demais na sociedade: foi dominada durante o seu casamento e com a viuvez passou a ser dominadora. Mantinha relações bem quistas entre os outros homens de poder da região, seguindo e reproduzindo as normas da sociedade vigente, tida como patriarcal. Poderia relacionar-se com Laurindo, pois o único papel que ele tinha era de marido da filha e futuro herdeiro de sua riqueza. Contudo, assumir uma relação com o próprio genro mancharia sua imagem e a sua posição de dona da Fazenda.

O adultério pela parte masculina estava justificado pela tradição e pela chamada “normalidade masculina”, justificando até mesmo as ocorrências de crimes passionais, diferentemente do adultério feminino. Segundo Rachel Soihet,

A desigualdade entre homens e mulheres em relação à questão se constituía numa realidade. Lombroso, cujas ideias estavam revestidas de forte teor evolucionista, apontava na mulher inúmeras deficiências, além de atribuir-lhe fortes traços de perfídia e dissimulação. Ele afirmava que a mulher era menos inteligente que o homem, explicando que a presença da genialidade nesse sexo, por uma confusão de caracteres sexuais secundários, faria a mulher parecer um homem disfarçado. Era a mulher dotada de menor sensibilidade nos mais diversos âmbitos, especialmente na sexualidade. Dentre as razões que apresentava para comprovar tal afirmação, enumerava a raridade das psicopatias sexuais nesse sexo e a sua capacidade de manter a castidade, por longo tempo; atitude impossível de exigir-se dos homens. Assim, justificava que as leis contra o adultério só atingissem a mulher, cuja natureza não a predispunha a esse tipo de transgressão. Apesar de considerar a existência de uma categoria especial de mulheres – as criminosas por paixão –, dizia Lombroso que o tipo puro de criminoso passional seria sempre masculino, pois nunca a explosão da paixão na mulher poderia ser tão violenta quanto no homem (SOIHET, 1997, p. 381).

A mulher não poderia exercer sua sexualidade e caso cometesse adultério tinha como punição a prisão e a pena de morte de acordo com o Código Penal de 1890 (SOIHET, 1997, p. 381). Apenas tinha como dever compreender que o homem poderia cometer traições, pois não conseguiria resistir aos jogos de sedução e ser infiel era apenas um tipo de fraqueza momentânea. A contenção da sexualidade feminina também é imposta para a mulher manter-se virgem até o casamento, fazendo com que a própria desconhecesse seu corpo, pois ser pura era essencial para ter uma vida digna e conseguir um bom casamento. A honra tinha um significado tão forte e presente na sociedade que as mulheres insatisfeitas com as abordagens, não hesitavam em “exterminar seus perseguidores” (SOIHET, 1997, p. 393). Na maioria dos casos, a mulher que cometia o crime era absolvida, pois estava defendendo sua honra, já que a conduta foi em bem da moral e para não ficarem marcadas de maneira depreciativa.

### **Dôra, Doralina: caminhos à catarse**

Maria das Dores, mais conhecida como Dôra, rejeitava os papéis socialmente impostos às mulheres. A instrução feminina que recebera, com o passar do tempo servirá como uma espécie de dote, justificando assim a preparação para as chamadas funções tradicionais femininas, ou seja, a função de ser mãe, a primeira educadora

dos filhos que repassava os valores daquela sociedade. É o estereótipo em forma de discurso que reforçava o papel da mulher como submissa e do lar e que realçava as distinções nos privilégios sociais. Conforme Maluf e Mott, “dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho” (MALUF; MOT, 1999, p. 374).

Existia o pensamento que a felicidade só existia no casamento e que o matrimônio era uma necessidade, visto que era tido como questão de saúde e estabilidade da norma. A esposa deveria ser “bondosa, simples, justa com bom humor, diferente da mulher dos tempos modernos, que era cheia de liberdades e que ficava aos beijos com os homens” (MALUF; MOT, 1999, p. 390). Sobre casamento e função da mulher, Dôra diz que,

Eu pensava que casamento não tem jeito, uma vez a gente casando é igual à morte, definitivo; ou não: eu pensava que casamento era como laço de sangue, como pai e filho – a gente pode brigar, detestar, mas assim mesmo está unido, ruim com ele, pior sem ele, o sangue é mais grosso que a água, essas coisas. [...] Às vezes em que ele chegava da rua tão bebido que quase caía do cavalo, na minha mente aquilo era natural em homem; tratava de o deitar na rede, lhe tirava as botas, desabotoava a roupa, lhe refrescava o rosto com uma toalha molhada, pra mim eram essas as obrigações de uma boa mulher (QUEIROZ, 2004, p. 76-77).

Desde a infância, Dôra foi educada para casar. Por ser de família abastada, ela fazia parte da parcela mínima de mulheres com estudo. Com a chegada da República no Brasil, as mulheres formavam o maior número de pessoas analfabetas do país, principalmente por alguns motivos: primeiramente, diz respeito a não equidade de oferta de ensino em relação aos homens, à impossibilidade de mulheres frequentarem escolas no período noturno, além da Lei de 15 de outubro de 1827, formulada ainda no Império, que criava escolas para mulheres nas cidades mais populosas e o ensino feminino girava em torno das quatro operações básicas, leitura, escrita e prendas domésticas. Só com a reforma educacional de 19 de abril de 1879 que as mulheres poderão entrar no ensino superior (ABRANTES, 2015). Em um trecho apontando a vida escolar da protagonista, no qual ela se lembra de amigas que já estavam formadas, boas pra casar, que “deixaram o colégio antes de receberem o diploma – os noivos achavam que elas já estavam sabidas o bastante e, mesmo, para criar menino não se exige anel de grau” (QUEIROZ, 2004, p. 48), percebe-se que o dever da mulher era reduzido aos papéis domésticos.

Com base nisso, temos vários exemplos dentro da obra de afazeres das jovens da época. Dôra fazia renda, já que Senhora dizia que era “ocupação de moça branca” (QUEIROZ, 2004, p. 49). Por ter uma condição melhor e possuir empregadas na sua casa, não sabia cozinhar muito bem, pois “moça de fazenda não faz coisa grosseira, isso se deixa pras cunhãs; moça faz bolo e doce fino” (QUEIROZ, 2004, p. 318-319), diferente da maioria das mulheres que tinham como obrigação cuidar da casa, dos filhos e dos maridos. Em determinado momento do século XX, o consumo será efetivado por uma pequena parte das famílias, onde surgirão aparelhos para as donas de casa amenizar o trabalho doméstico e economizarem o tempo, dando espaço a outras atividades.

Uma dessas outras atividades era o trabalho fora de casa. No caso de mulheres com condições financeiras confortáveis, sair para trabalhar simbolizava o início de sua emancipação, mostrando que também poderia ocupar outros espaços além do doméstico. No caso das mulheres pobres, devido a alguns companheiros não terem emprego em algum momento do relacionamento, era a mulher que ia em busca de renda, o que não deixava de ter algumas complicações, conforme explicam Maluf e Mott:

Esse progresso feminino, no entanto, precisa ser tomado com cautela, uma vez que havia certos limites para a aspiração feminina: eram inúmeros os empecilhos ao acesso a determinadas profissões. As ofertas disponíveis, em geral, estavam próximas daquilo que se considerava uma extensão das atribuições das mulheres: professora, enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista, operária das indústrias têxtil, de confecções e alimentícia. As mulheres casadas, de acordo com o Código Civil, precisavam da autorização do marido para exercer qualquer profissão fora do lar – atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal (MALUF; MOTT, 1999, p. 402).

Ou seja, a mulher não poderia ter ambições profissionais, e mesmo trabalhando fora, quando chegasse em casa ainda deveria ser uma exemplar dona de casa. É interessante salientar que se a mulher não trabalhasse fora, esta era dependente financeiramente ao marido e que muitos acreditavam que era um privilégio a mulher casada ter de tudo sem precisar trabalhar. E iam mais além: caberia a mulher “saber gerenciar o dinheiro das despesas [...] deveriam produzir em casa, com as próprias mãos, tudo aquilo que fosse possível” (MALUF; MOTT, 1999, p. 417), justamente para

agradar ao marido por não lhe pedir dinheiro, além de ocupar o tempo livre com trabalhos artesanais.

Mudanças nos mais diversos âmbitos marcaram a virada do século XIX para o século XX, incluindo mudanças no comportamento feminino, que foram percebidas principalmente, nas três primeiras décadas do século XX, conforme apontam Maluf e Mott. Segundo as autoras, "era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas de 'boa família', que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário" (MALUF; MOTT, 1999, p. 368), e faz com que a sociedade conservadora vigente fique agitada com os novos caminhos que estão sendo trilhados, já que era depreciativo uma mulher sair sozinha.

O Livro da Companhia que relata a emancipação de Dôra após a morte de Laurindo, quando a protagonista decide viver como uma andarilha junto a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho, revela esses novos espaços ocupados e que não eram bem quistos pela sociedade na maioria das vezes, conforme exposto no romance,

Uma coisa chata em Fortaleza foi um boato que se espalhou, imagine, que eu era uma herdeira rica do interior, rompida com minha família e por isso entrara para o teatro. Me botavam como sendo dos Fulano do Crato, dos Beltrano de Sobral, e o jornal dos padres publicou um artigo lamentando a maléfica influência dos costumes modernos nas famílias cearenses, se acaso fosse verdade que uma senhorita da tradicional estirpe alencarina havia trocado o seu lar católico pelas luzes do "teatro ligeiro" – usando de uma metáfora caridosa. Se tal vocação fosse ao menos para a cena lírica, como sucedeu com a grande Bidu Sayão, sobrinha de um presidente! Mas aquelas Burletas e esquetes picantes, aquelas cançonetas licenciosas, etc. etc. etc... (QUEIROZ, 2004, p. 156).

A vida de Dôra será primeiramente como auxiliar do Seu Brandini, que era o dono da Companhia, copiando os textos de peças e posteriormente como atriz de mambembe, com as estradas e os mais diversos caminhos fazendo parte do seu ser a partir de então. Agora, ela sendo viúva e dona de si, decide ir embora da fazenda e deixar a vida conflituosa com Senhora, partindo para a cidade grande com a Companhia e animando-se com a liberdade, com a vida em anonimato, sem ser apenas a filha da dona da Soledade, passando a ser a atriz Nely Sorel, substituindo Cristina Le Blanc, atriz que deixou a Companhia.

A partir da morte de Laurindo, Dôra começa a quebrar algumas das regras impostas, principalmente no ser viúva. Diferente de Senhora que não usava “cores como vermelho, rosa ou amarelo, porque não eram cores de viúva” (QUEIROZ, 2004, p. 28), Dôra ao decidir viajar sozinha, tirou o luto e vestiu-se de azul e Senhora demonstrava preocupação com o que os demais da cidade poderiam dizer, pois mesmo sendo agora independente, a viúva deveria seguir alguns costumes para evitar julgamentos e pensamentos equivocados.

Dôra busca nessa nova vida, de cidade em cidade, reconstruir a sua identidade. Mesmo com tantos caminhos diferentes percorridos, durante a sua narrativa sempre há algo que a lembre dos anos conflituosos vividos ao lado de sua mãe. E é na Companhia que ela encontrará a felicidade após um casamento malsucedido, além de amigos como Estrela, esposa de Seu Brandini e o próprio que representava a figura paterna que tanto lhe fez falta:

Você nem calcula como esse pessoal tem sido bom pra mim, é quase como uma família. Seu Brandini me vigia e me ajuda como um pai velho de comédia. Estrela - não sei se já viu, é aquela segurança. O povo fala mal de gente de teatro – mas são pessoas como todo o mundo, tenho conhecido gente outra muito pior... (QUEIROZ, 2004, p. 227-228).

Em uma de suas andanças, navegando no Rio São Francisco e de maneira inesperada, Dôra conhece o Comandante, chamado também de cabo Lucas e com nome de batismo de Asmodeu e, com o passar do tempo, percebe-se apaixonada por aquele homem “alto, bonito e antipático” (QUEIROZ, 2004, p. 210), “aquele homem, era só querer, podia me trazer fechada na palma da sua mão” (QUEIROZ, 2004, p. 222). Aquela mulher independente cede, então, lugar a uma mulher submissa após encontrar o seu primeiro amor.

\*\*\*

Já no nascimento, as diferenças biológicas entre homem e mulher são nítidas e cada indivíduo é representado por um sexo, levando o corpo a ter uma carga cultural muito forte. Passa-se a ser homem ou mulher, uma construção que ao longo da história serviu para gerar diferenças e hierarquias, sendo assim o gênero feminino tido como inferior e feito para obedecer.

Mulheres atuam no seu tempo. São socialmente existentes e englobam diferentes sujeitos do gênero feminino. Ao se falar em gênero, percebe-se que este ter-

mo atribui a uma construção para a divisão dos papéis sociais, que leva ao patriarcado fazer também essa divisão de relações construídas socialmente entre homens e mulheres. De acordo com Saffioti, o patriarcado é um sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, e que “não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração” (SAFFIOTI, 1987, p. 50).

Exploração esta muitas vezes na posse do corpo feminino, conforme é relatado no romance, quando Dôra explica como ela entendia o seu corpo antes do seu ingresso na Companhia,

[...] tinha o meu corpo como se fosse uma coisa alheia que eu guardasse depositada, e só podia dar ao legítimo dono, e depois de dar a esse dono era só dele, não adiantava eu querer ou não, porque o meu corpo eu não tinha o direito de governar, eu vivia dentro dele, mas o corpo não era meu (QUEIROZ, 2004, p. 202).

A partir do momento em que a personagem começa a girar em torno do homem que ama, o Comandante será o seu novo chefe e controlará a sua vida. Percebe-se quando ela não poderá mais atuar na Companhia, pois a mulher dele não poderia rebolar “lá em cima no palco e tudo quanto é macho embaixo, de boca aberta” (QUEIROZ, 2004, p. 283), evidenciando que esse tipo de comportamento não era bem visto para uma mulher que aceitou casar-se novamente e com isso, tornar-se mais uma vez submissa a um marido.

Dôra que quando pequena sentiu vontade em estudar para ser atriz, (Senhora evidentemente não autorizou, pois não era profissão para moça de família), que sempre buscou pela sua liberdade e identidade, via-se mais uma vez presa nas convenções matrimoniais, mas dessa vez com um homem que amava. Os desejos pessoais fora do ambiente doméstico e com livre-arbítrio na tomada de suas decisões eram mais uma vez deixados de lado.

Convém ressaltar que Dôra nunca desenvolveu o papel de mãe, sendo que era um dos mais importantes e fundamentais que as mulheres deveriam desempenhar. Dôra perdeu o seu filho ainda nos meses iniciais da gravidez<sup>3</sup>. Interessante notar que a mulher sendo mãe terá grande importância, pois esta será a primeira formadora

---

<sup>3</sup> As protagonistas dos romances de Rachel de Queiroz, em sua maioria, não desempenham o papel materno, perdendo seus filhos durante a gravidez ou pouco tempo após o nascimento.

dos filhos, é ela que preparará os futuros homens e mulheres da futura sociedade, portanto, ressaltando os valores para cada sexo.

Nesse sentido esperava-se que as mulheres dominassem um pouco de diferentes assuntos: [...] as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia, a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo, representa uma necessidade real! A mestra deve ser a Mãe, e é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimentos, para não perder uma interrogação do filho (MALUF; MOTT, 1999, p. 405-406).

Assim, é reforçado o estereótipo de que toda mulher tem por natureza vocação para ser mãe. E era preciso conscientizar a mulher moderna, que começa a interessar-se pela vida fora do lar, de que ela não poderia ir em contra a sua essência natural, tido como algo biológico. Contudo, cada vez mais mulheres rejeitavam o título de "Rainha do Lar". No romance vemos essas mulheres na figura das atrizes da Companhia e até mesmo em Dôra durante certo período, antes de conhecer o Comandante e tornar-se submissa mais uma vez.

Com a morte de Senhora, Dôra torna-se a nova Senhora da fazenda Soledade. Ao retornar ao sertão, agora já sem a sua primeira dominadora, irá reproduzir aquele mesmo estilo patriarcal da sua mãe, preocupada com futuras comparações, mas sempre, como a mesma diz, "procurava a todo instante lembrar de como Senhora fazia; e tudo se repetia agora como no tempo dela, porque mesmo que eu quisesse não sabia fazer nada diferente, e então era a lei dela que continuava nos governando" (QUEIROZ, 2004, p. 413). Ao voltar pela segunda vez, agora sem o Comandante, Dôra com poder, posses e independência, busca novos horizontes, sempre com a dor ao seu lado.

### **Considerações finais**

Com o estudo do romance, percebe-se que Rachel desloca a mulher para outro contexto além do familiar chefiado por um homem. A escritora apresenta suas personagens com desejos pessoais fora do ambiente doméstico, buscando livre-arbítrio no que diz respeito as suas próprias vidas. Rachel com sua literatura regional enfoca os choques que as mulheres encontram ao construir ideologias contrárias àquelas em que as colocam concentradas apenas nos afazeres de casa contra as que buscam as suas identidades e repostas sobre suas existências.

Esse choque é demonstrado em *Dôra, Doralina*: cansada de ser oprimida pelas características do sistema no qual estava inserida, engaja-se para a sua transformação. Dôra representa a busca, deslocando-se para conseguir seu objetivo. O deslocamento, seja físico ou emocional, é uma das características das personagens de Rachel. Essa dualidade talvez seja também uma característica da escritora. Tem-se, por exemplo, a dualidade da vida pública de Rachel de Queiroz nítida pelas posições ideológicas que toma para si, quando após a Semana de Arte Moderna milita pelo Partido Comunista na década de 1930 e anos mais tarde, a mesma começa a se simpatizar pelo golpe civil-militar de 1964.

Mesmo com o chamado poder patriarcal estremeado, ainda existe a hierarquia entre homens e mulheres. Essa situação deve-se muito ao sistema econômico capitalista, que é carregado pela ideologia patriarcal, que reforça a opressão às mulheres apropriando-se de sua mão-de-obra mais baixa geralmente. Conforme Silveira e Costa “a desconstrução da dicotomia público/privado que relega a mulher ao espaço do lar e dificulta sua atuação como sujeito no mundo político e do trabalho, é fator primordial para o empoderamento e autonomia do sexo feminino” (SILVEIRA, 2016, p. 1).

Antônio Carlos Lima da Conceição destaca as teorias do patriarcado, que explicam a dominação masculina em função da própria sexualidade e da reprodução. Vale mencionar que mesmo com a maioria das sociedades históricas o patriarcado se sobressai, as mulheres em algum momento detêm um pouco de poder. Ainda segundo o autor,

as mulheres não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas á luta que trava com os homens. Neste sentido as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se no terreno do poder. Aqui tem lugar a dominação e a exploração como sendo faces de um mesmo fenômeno. É impossível pensar essa relação sem pensar relações de poder (CONCEIÇÃO, 2009, p. 745).

Rachel contribuiu com seus romances para fomentar debates acerca das conjunturas sociais vigentes. Em *Dôra, Doralina* o casamento será um dos principais pontos a gerar indagações. Vale a pena digerir todas essas convenções? Volta e meia a protagonista refletia sobre as consequências de um casamento sem amor, principalmente no que tange a sua liberdade. Contudo, como foi exposto, a morte não perdeu seu cônjuge, dando a Dôra a sua tão sonhada independência. E é nesse mo-

mento que se torna uma andarilha e conquista uma nova identidade, construída ao longo dos seus caminhos percorridos.

Por fim, observa-se que Dôra representa o retorno. Retorna à Soledade sem sua primeira dominadora, volta para ser Senhora, a mesma Senhora que já tinha existido naquelas terras, buscando recordações das ações da mãe, pois não seria diferente, visto que a forma de agir continuaria a governar naquelas terras, mantendo o pulso firme e reproduzindo o estilo patriarcal. Ter essas mulheres em questão revela a dimensão do ser mulher e a construção das mesmas, mudando a ordem e adotando para si uma atitude patriarcal. Raquel não rompe com a dominação masculina, ela utiliza essa dominação em benefício à sua protagonista, contribuindo para a sua própria emancipação.

### **Referências bibliográficas**

ABRANTES, Elizabeth Sousa. De Normalistas a Doutoradas: a trajetória feminina de acesso ao ensino superior no Maranhão Republicano. In: BARROS, Antonio Evaldo Almeida; NERIS, Cidinalva Silva Camara; BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos; SALES, Tatiane da Silva; BARBOSA, Viviane de Oliveira; NERIS, Wheriston Silva (Orgs.). **Histórias do Maranhão em Tempos de República**. São Luís: EDUFMA, Jundiá, Paço Editorial, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR, José de. **Senhora**. 34ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

AZEVEDO, Alexander Willian. **Religiosidade no Nordeste Brasileiro na Era do Canção: prospecção de parâmetros de estudos a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. V Colóquio de História. Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. Novembro de 2011. Disponível em <<http://www.unicap.br/coloiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1141-1152.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Teorias feministas: da "questão da mulher" ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, nº 24, dez 2009.

Dicionário Online de Português. **Significado da palavra Senhora**. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/senhora/>>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. /n: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

QUEIROZ, Rachel de. **Dôra, Doralina**. 20ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Zelo Aparecida Martins dos. História e literatura: uma relação possível. **Revista Científica – FAP** – jan a dez de 2007.

SILVEIRA, Clara Maria Holanda, COSTA Renata Gomes da. **Patriarcado e capitalismo: binômio dominação-exploração nas relações de gênero**. Disponível em <[https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO E CAPITALISMO BIN%C3%94MIO DOMINA%C3%87%C3%83O-EXPLORA%C3%87%C3%83O.pdf](https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO_E_CAPITALISMO_BIN%C3%94MIO_DOMINA%C3%87%C3%83O-EXPLORA%C3%87%C3%83O.pdf)>. Acesso em 20 out. 2016.

SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. /n: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997.

Recebido em: 14/05/2017

Aprovado em: 20/06/2017